

AS RELAÇÕES RETÓRICAS E A NEGOCIAÇÃO  
DE FACES EM DEBATE ELEITORAL<sup>1</sup>

THE RHETORICAL RELATIONS AND NEGOTIATION  
OF FACES IN ELECTORAL DEBATE

Gustavo Ximenes Cunha  
Universidade Federal de Alfnas  
ximenescunha@yahoo.com.br

RESUMO:

Este trabalho parte da hipótese de que as relações que se estabelecem entre as informações do texto exercem papel importante na negociação de imagens recíprocas. Para verificar a pertinência dessa hipótese, aproximei a Teoria da Estrutura Retórica (RST) e a teoria de faces de Goffman. Essa aproximação possibilitou o estudo de um exemplar do gênero debate eleitoral. Confirmando a hipótese, a análise revelou que as relações retóricas (evidência, preparação, sequência, elaboração, etc) constituem recursos fundamentais com que os adversários políticos fazem a negociação de faces. PALAVRAS-CHAVE: relações retóricas; negociação de faces; debate eleitoral.

ABSTRACT:

This paper consider that the relationships between the information of the text have important role in the negotiation of reciprocal images. To verify the relevance of this hypothesis, I combined the Rhetorical Structure of Theory (RST) and the theory of faces of Goffman. This approach has enabled the study of a debate. Confirming the hypothesis, the analysis revealed that the rhetorical relations (evidence, background, sequence, elaboration, etc) are important resources with which political opponents make the negotiation of faces.

KEYWORDS:rhetorical relations; negotiation of faces; debate.

---

1 Este trabalho apresenta os resultados da pesquisa de pós-doutorado realizada pelo autor na Universidade Federal de Minas Gerais, no período de março de 2014 a fevereiro de 2015, com a supervisão da Professora Doutora Maria Beatriz Nascimento Decat.

## Introdução

Subjaz à pesquisa apresentada neste artigo a hipótese de que as relações que se estabelecem entre as informações do texto exercem papel importante na negociação de imagens recíprocas. A fim de verificar o alcance e a pertinência dessa hipótese, a pesquisa tem por objetivo evidenciar que essas relações exercem papel essencial na forma como os candidatos a cargos políticos se apresentam ao eleitor em debates eleitorais, construindo uma determinada imagem (face) e atacando a imagem (face) do adversário.

O interesse pelo estudo da maneira como os interlocutores constroem imagens de si no debate eleitoral se explica pelo fato de ser esse um gênero do discurso que pode ser comparado a um combate (SULLET-NYLANDER; ROITMAN, 2009). Isso porque, enquanto participante de um debate, cada candidato sabe, de antemão, que seu adversário vai se esforçar por seguir uma linha de conduta que lhe permita se apresentar ao eleitor como o candidato mais preparado para o cargo que pleiteiam. Por isso, ao longo do debate, cada candidato vai realizar ações verbais que permitam construir e preservar uma imagem favorável de si e que, ao mesmo tempo, desestabilizem o adversário, agredindo ou destruindo sua imagem, na tentativa de mostrar (provar) para o eleitor quem é o candidato mais preparado para o cargo em disputa.

Essa luta verbal característica do gênero debate justifica a necessidade de se estudarem os mecanismos linguísticos e textuais empregados por seus participantes nesse trabalho (agressivo) de construção e destruição de imagens. Neste trabalho, embora saiba que o gênero escolhido é rico para o estudo de todos esses mecanismos, estou interessado em investigar como apenas um dos planos da organização do discurso auxilia os participantes do debate a construir imagens recíprocas. Aqui investigo o papel que desempenham nesse aspecto relevante dos debates as relações de discurso ou retóricas, conforme a *Rhetorical Structure Theory* (RST), quadro teórico em que me baseio e que será exposto mais adiante.

A decisão de estudar o papel somente das relações retóricas se deve ao fato de que o plano da organização retórica do discurso, entendido aqui como aquele em que se estabelecem as relações retóricas, não costuma ser considerado nos estudos sobre negociação de imagens. Pelo menos, nesses estudos, as relações retóricas não recebem a mesma atenção que recebem, por exemplo, os tempos e modos verbais ou os atos de fala (BROWN; LEVINSON, 1987; KERBRAT-ORECCHIONI, 2008). E, embora os estudos sobre gestão de faces desenvolvidos à luz do Modelo de Análise Modular do Discurso sempre

considerem as relações de discurso (ROULET, FILLIETTAZ, GROBET, 2001, CUNHA, 2013, 2014a), o papel das relações nessa gestão ainda não foi objeto de um estudo sistemático nesse quadro teórico.

Da mesma forma, no âmbito dos estudos que tratam da articulação textual no Funcionalismo (HALLIDAY; HASAN, 1976, NEVES, 2006, HALLIDAY, 2014), na Linguística do Texto (KOCH, 2004, 2006) e na Análise do Discurso (DUCROT *et al*, 1980, ROULET *et al*, 1985, GUIMARÃES, 2007), desconheço trabalhos que estudem, de forma sistemática, o papel das relações textuais ou discursivas na negociação de faces. No domínio mais específico da RST, embora haja trabalhos que se interessem pelo discurso<sup>2</sup>, nenhum deles parece explorar a função das relações retóricas na negociação de imagens.

Mas, apesar da pouca atenção que o plano da organização retórica tem recebido nos estudos sobre negociação de imagens, parto da hipótese já mencionada de que ele exerce papel de primeira importância nessa negociação em todo e qualquer gênero, mas especialmente no debate eleitoral. Afinal, estabelecendo relações retóricas (evidência, propósito, contraste, justificação, etc.), um candidato realiza diferentes manobras, buscando assumir uma linha de conduta que o auxilie a construir para si a imagem que considera a mais adequada e a atacar a imagem construída pelo adversário, mostrando-se ao eleitor como o melhor candidato.

Para verificar a pertinência dessa hipótese, o próximo item apresenta a fundamentação teórica deste estudo. Nesse item, defino, inicialmente, a noção de face, tal como proposta por Goffman, para esclarecer o conceito de (auto) imagem com que trabalho. Em seguida, apresento a RST, que é a teoria por mim adotada para estudar as relações que se estabelecem entre informações do texto. Feita a exposição da fundamentação teórica, apresento, na sequência, informações de natureza metodológica sobre os critérios de seleção do *corpus*, que é o debate promovido pela *TV Globo*, em 2012, entre os então candidatos à prefeitura de São Paulo, Fernando Haddad (PT) e José Serra (PSDB), bem como sobre as etapas de desenvolvimento da pesquisa. Por fim, o último item apresenta e discute os resultados das análises desenvolvidas.

## 1 As relações de faces e as relações retóricas

Neste item, exponho o arcabouço teórico com que analisei um exemplar do gênero debate eleitoral. Num primeiro momento, defino a noção de (auto)

---

2 Para um panorama e uma síntese desses trabalhos, cf. Taboada e Mann (2006).

imagem adotada no trabalho. Seguindo uma perspectiva interacionista nos estudos da linguagem, este trabalho se vale da noção de face, como definida por Goffman. Na sequência, apresento a RST, teoria que se centra no estudo da forma como as proposições relacionais (relações retóricas) organizam o texto, articulando suas informações. Por fim, faço uma breve discussão a respeito da aproximação que esta pesquisa propõe entre a microssociologia de Goffman e a RST.

### 1.1 A noção de *face* e a negociação de faces no debate eleitoral

Na proposta de Goffman (2011, p. 13-14), a face diz respeito ao “valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha [de conduta] que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular”. Especificando melhor o conceito, o autor define a face como uma imagem que o sujeito constrói de si na interação: “A fachada [face] é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados” (2011, p. 14). A construção dessa imagem se dá à revelia do sujeito, ou seja, sempre que interagimos, seguimos uma linha de conduta ou um determinado “padrão de atos verbais e não verbais” e, conseqüentemente, projetamos de nós mesmos uma determinada imagem ou face, ainda que disso não estejamos conscientes.

A relação do sujeito com a face que assume em dada situação é de natureza emocional. Por isso, grande parte das ações que realizamos numa interação tem como finalidade a preservação de nossa face. Sentimos que a face, embora seja um construto ou um efeito da interação, se identifica com o nosso eu, o que faz com que uma agressão a ela desencadeie diferentes sentimentos: revolta, despeito, antipatia, etc.

Mas, apesar de nossos sentimentos se ligarem à face, Goffman (2011, p. 15) nota que a linha que seguimos numa interação particular possui uma natureza institucional: “A linha mantida pôr e para a pessoa durante o contato com outros tende a ser de um tipo institucionalizado legítimo”. Em outros termos, não agimos de qualquer maneira em qualquer situação, porque, dependendo do papel social que desempenhamos na interação (professor, operário, candidato a um cargo público, médico, etc), há expectativas tácita e socialmente acordadas sobre como devemos agir ou, nos termos de Goffman, sobre qual linha devemos seguir.

No que se refere ao gênero debate eleitoral, a situação de confronto entre adversários própria do debate torna a relação de faces extremamente delicada, mais do que em outros gêneros políticos, como a propaganda eleitoral, por

ser essa relação no debate menos submetida ao controle e aos cuidados de um marqueteiro. Por isso, o debate eleitoral é um gênero especialmente interessante para o estudo das relações de face. Nesse gênero, cada participante é bastante consciente da construção de sua autoimagem e atento à imagem que o outro (o adversário) constrói para si, bem como aos efeitos que as imagens construídas podem alcançar junto ao espectador (eleitor).

No debate, são duas as razões que levam os adversários políticos a ter consciência das relações de face, percebendo de forma mais acentuada que as ações que realizam projetam imagens de si. Em primeiro lugar, o debate eleitoral materializa uma situação de interação complexa. Diferentemente do que ocorre num bate papo entre amigos, por exemplo, o debate combina diferentes níveis de interações. Num primeiro nível interacional, ocorre a interação entre os candidatos. Num segundo nível, ocorre a interação entre os candidatos (e a emissora de televisão ou a estação de rádio) e os espectadores. A primeira interação – entre os candidatos – se justifica apenas em função da segunda – entre os candidatos e os espectadores. Afinal, a razão de ser ou a finalidade do confronto entre os adversários políticos é permitir aos espectadores (eleitores) que conheçam e comparem suas propostas, para decidir em qual deles votar (BURGER, 2002, 2013).

Assim, o diálogo que os candidatos estabelecem com o espectador torna-os conscientes de que, para persuadi-lo, precisam assumir uma linha de conduta durante o debate, linha de conduta cujo efeito seja a emergência da face considerada a mais apropriada para obter a confiança do eleitor. Ou seja, ao longo do debate, os candidatos sabem (estão conscientes de) que devem realizar ações verbais e não verbais que convençam o espectador de que eles são políticos honestos, virtuosos e confiáveis, gestores comprometidos, eficientes e preparados, líderes capazes de conduzir a população, mesmo em momentos de grave crise social e econômica, cidadãos sérios e interessados no bem da coletividade (CHARAUDEAU, 2013). Essas são algumas das faces consideradas adequadas para os participantes de um debate eleitoral ou algumas das faces que o gênero debate oferece para a escolha dos participantes.

Em segundo lugar, a outra razão que leva os candidatos a ter consciência das relações de face é o fato de que, num debate, eles atuam como representantes de unidades sociais mais amplas. Goffman (2011, p. 21) nota que o grau de perceptividade para as relações de face é mais alto nas situações em que os participantes representam unidades mais amplas, como linhagens ou nações, “pois o jogador, aqui, está apostando com uma fachada [face] à qual os sentimentos de muitas pessoas estão ligados”. É exatamente o que ocorre nos

debates eleitorais. Neles os candidatos são representantes de partidos políticos e dos segmentos da sociedade que compartilham dos valores e dos pressupostos ideológicos desses partidos.

O fato de um candidato representar unidades sociais mais amplas torna-o mais sensível às relações de face. Afinal, um ataque à sua face compromete não só sua imagem individual de figura pública, mas também a imagem daqueles que nele depositaram confiança e apoio. Da mesma forma, a manutenção de uma face adequada, ao longo do debate, auxilia o candidato não só a se apresentar como o mais preparado, mas ainda a apresentar o partido que representa como o mais apto a assumir os quadros e setores de um governo.

Embora não tenha estudado debates, as considerações de Goffman (2011, p. 31) sobre o que denomina “intercâmbios agressivos” são bastante pertinentes para a compreensão do que se passa nesse gênero.

O propósito do jogo é (...) marcar o maior número de pontos sobre nossos adversários e ganhar o máximo possível para nós mesmos. Uma platéia para o embate é quase uma necessidade. O método geral consiste na pessoa apresentar fatos favoráveis sobre si mesma e fatos desfavoráveis sobre os outros.

E esclarece o autor (2011, p. 31-32) que, nesse tipo de intercâmbio, mostrar-se como um adversário que consegue preservar e salvar a própria face com habilidade, apesar dos ataques do oponente, é mais importante do que as próprias informações veiculadas.

Em intercâmbios agressivos, o vencedor (...) demonstra que, enquanto participante da interação, ele cuida de si melhor do que seus adversários. Muitas vezes, provas dessa capacidade são mais importantes do que todas as outras informações que a pessoa comunica durante o intercâmbio.

Não é difícil pensar no debate eleitoral como exemplo prototípico do intercâmbio agressivo de que fala Goffman. No debate, os participantes assumem uma linha de conduta em que sistematicamente apresentam fatos favoráveis sobre si e desfavoráveis sobre o outro diante de uma plateia que, não raro, se deixa persuadir mais pelas habilidades que os adversários demonstram em lutar por meio da linguagem do que pelas propostas expressas nos planos de governo. Nesse gênero, cada participante se esforça por constranger o oponente, reve-

lando ao espectador “o homem que se acha por trás da máscara” (GOFFMAN, 2009, p. 194). Ou seja, esforça-se por mostrar que as supostas qualidades que o outro demonstra ou declara a seu respeito são falsas e que, por isso, há um descompasso entre o homem e o personagem que ali se encena. O debate se assemelha, portanto, a um jogo em que ganha mais pontos aquele que melhor consegue revelar para o espectador que o que o adversário diz não corresponde ao que ele, de fato, pensa e que a imagem de si que o adversário apresenta não corresponde ao que ele, de fato, é.

No que se refere ao trabalho de face (*face-work*), Goffman (2011) defende que, assim como as faces disponíveis para um sujeito assumir num dado encontro são predispostas pela natureza convencional desse encontro (“ela [a face] é apenas um empréstimo da sociedade” (GOFFMAN, 2011, p. 18)), os modos adequados para o sujeito preservar a face escolhida ou atacar a face escolhida pelo outro também são regulados socialmente. Revelador dessa posição é este trecho de Goffman (2011, p. 20-21):

Mesmo que a pessoa que empregue ações para salvar sua fachada não conheça todas as consequências delas, elas frequentemente se tornam práticas habituais e padronizadas; elas são como jogadas tradicionais num jogo, ou passos tradicionais numa dança. Cada pessoa, subcultura e sociedade parecem ter seu próprio repertório característico de práticas para salvar a fachada. Em parte, é a esse repertório que as pessoas se referem quando perguntam como uma pessoa ou cultura “realmente” são. (...) É como se a fachada [face], por sua própria natureza, só pudesse ser salva através de um certo número de formas, e como se cada agrupamento social precisasse fazer suas escolhas dentro dessa única matriz de possibilidades.

Esse trecho é particularmente significativo por evidenciar que, para Goffman, as atitudes tomadas para salvar a face não são decorrentes de decisões puramente individuais, mas são práticas habituais e padronizadas e, por isso mesmo, compõem um repertório para escolha ou uma matriz de possibilidades convencionais, matriz característica de uma pessoa, uma subcultura ou uma sociedade. Nesse sentido, o trabalho de face ou os procedimentos envolvidos na criação, manutenção e defesa das faces possuem uma dimensão fortemente social e histórica.

Tendo em vista a natureza convencional dos mecanismos empregados na negociação de faces, a luta verbal que caracteriza o gênero debate motiva o estudo dos procedimentos linguísticos e textuais tipicamente empregados

por seus participantes nesse trabalho agressivo de construção e destruição de imagens. Neste estudo, investigo como apenas o plano da organização retórica do discurso auxilia os participantes de um debate a fazerem a negociação de imagens recíprocas, porque o objetivo aqui é investigar de forma sistemática o papel que as relações retóricas possam exercer nessa negociação. Por isso, após definir a noção de face, bem como sua importância no gênero debate eleitoral, passo à apresentação da RST.

## 1.2 Teoria da Estrutura Retórica

A Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory* – RST) constitui uma abordagem funcionalista que descreve a organização dos textos, a partir da observação de como seus constituintes se articulam. Nessa abordagem, a coerência de um texto resulta da função que cada um dos seus constituintes desempenha em relação a outro constituinte. Assim, a RST é uma teoria descritiva, cujo objetivo consiste em caracterizar as relações retóricas (proposições relacionais) que emergem da combinação dos constituintes textuais, a fim de descrever como os textos naturais se organizam (MANN; THOMPSON, 1986, 1988, ANTONIO, 2004, MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988, DECAT, 2010).

Para essa abordagem, o fenômeno das relações retóricas é combinacional. Isso porque uma relação retórica surge somente por meio da combinação de duas proposições independentes ou das informações de duas porções maiores de texto (MANN; THOMPSON, 1986). Vejamos um exemplo retirado do *corpus* desta pesquisa.

(01) A cidade [de São Paulo] está longe de ser uma cidade sem problema,  
(02) tem muita dificuldade, muita questão para resolver<sup>3</sup>.

O que faz com que essa porção de texto resulte coerente é o fato de ser possível inferir que a sentença (2) funciona como uma evidência para o que foi dito na sentença (1). Parafraseando o texto, percebe-se que o locutor aponta as dificuldades e as questões a ser resolvidas na cidade (sentença 2) como uma evidência para a afirmação de que São Paulo está longe de ser uma cidade sem problemas (sentença 1). Fundamental para a compreensão do texto, essa inferência não surge só da leitura de (1) ou só da leitura de (2). Ela emerge exatamente da combinação das duas sentenças.

---

3 Esse segmento foi proferido pelo candidato José Serra no primeiro bloco do debate.



As sentenças de um texto e os grupos em que se organizam podem se combinar por meio de dois tipos de relações:

1) Relações núcleo-satélite, em que um constituinte textual (o satélite) é subsidiário de outro (o núcleo). Nesse tipo de relações, representa-se a relação por meio de um arco que sai do satélite em direção ao núcleo, o qual é identificado com uma linha vertical.



FIGURA 1 – Esquema das relações núcleo-satélite

2) Relações multinucleares, em que um constituinte textual não é subsidiário do outro, cada um dos quais funcionando como núcleo distinto. Nesse tipo de relações, cada linha representa um núcleo distinto.

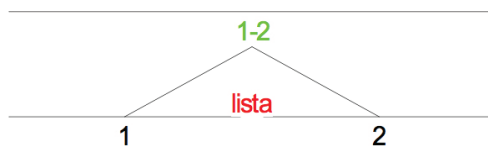


FIGURA 2 – Esquema das relações multinucleares

Conforme Mann e Thompson (1988), uma relação retórica é definida com base em quatro tipos de informações:

- Restrições sobre o núcleo.
- Restrições sobre o satélite.
- Restrições sobre a combinação de núcleo e satélite.
- O efeito.

Com base nessas informações, a relação de evidência, por meio da qual, como vimos, as unidades do exemplo anterior se articulam, pode ser definida desta forma:

- Restrições sobre o núcleo: o interlocutor pode não acreditar na informação expressa no núcleo em um grau considerado satisfatório pelo locutor.
- Restrições sobre o satélite: o interlocutor poderá considerar merecedora de credibilidade a informação expressa no satélite.
- Restrições sobre a combinação de núcleo e satélite: a compreensão do satélite pelo interlocutor aumenta sua crença no núcleo.
- O efeito: a crença ou confiança do interlocutor na informação expressa no núcleo aumenta.

A lista das relações retóricas identificadas pela RST não compõe um rol fechado de relações. Mann e Thompson (1986) apontam, inclusive, a necessidade de estudos que não só verifiquem a existência de relações ainda não identificadas, como também definam melhor as relações já identificadas. Após os trabalhos iniciais de Mann e Thompson, esses e outros autores, a partir do estudo de textos naturais, propuseram a ampliação/ou a reformulação da lista de relações que consta nesses primeiros trabalhos (MANN; THOMPSON, 1988, CARLSON; MARCU, 2001, TABOADA; MANN, 2006). Nesta pesquisa, utilizei a lista de relações retóricas disponível no site da RST (MANN; TABOADA, 2015), a qual se compõe de 32 relações.

As relações retóricas se dividem em dois grupos. De um lado, estão aquelas que dizem respeito ao conteúdo, porque o locutor as estabelece com o fim de fazer o interlocutor reconhecer a relação. Algumas dessas relações são: elaboração, circunstância, solução, condição, avaliação. De outro lado, estão as relações que dizem respeito à apresentação da relação. Essas relações permitem ao locutor levar o interlocutor a agir de acordo com as informações expressas no constituinte mais central (o núcleo), a concordar com essas informações ou a acreditar nelas. Algumas dessas relações são: motivação, antítese, fundo, evidência, justificação (MANN; THOMPSON, 1986, 1988, TABOADA; MANN, 2006).

Para essa teoria, as relações retóricas se estabelecem em todos os níveis da estrutura textual, tanto no nível dos constituintes mínimos (assentenças), como no nível dos constituintes formados por porções maiores do texto. Por esse motivo, postula-se que “os textos são formados por grupos organizados de orações que se relacionam hierarquicamente entre si” (ANTONIO, 2004, p. 39). A hierarquia entre os constituintes de um texto se verifica à medida que são definidas as relações (núcleo-satélite ou multinucleares) que se estabelecem entre as porções de um texto.

### 1.3 Aproximando a abordagem de Goffman e a RST

A literatura sobre gestão ou trabalho de face tem mostrado que diferentes planos do discurso são sensíveis à negociação de imagens, como os atos de fala (BROWN; LEVINSON, 1983, KERBRAT-ORECCHIONI, 2008), a organização tópica (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001), a estrutura composicional (SOARES; GOMES, 2007, BURGER, 2013, CUNHA; RUFINO, 2013, CUNHA, 2010, 2014) e o sistema de distribuição de turnos (SANDRÉ, 2009). Por isso, ainda que, como mencionado na introdução deste trabalho, o plano da organização retórica receba pouca atenção nesse campo de estudos, torna-se válido investigar a hipótese de que também a maneira como estabelecemos as relações retóricas decorre, em grande medida, do modo como negociamos as autoimagens no desenvolvimento da interação. Afinal, no caso específico do gênero debate eleitoral, as relações retóricas permitem a um candidato realizar diferentes manobras, construindo para si a imagem que considera a mais adequada e atacando a imagem construída pelo adversário, mostrando-se ao eleitor como o melhor candidato.

A investigação de uma tal hipótese necessita da aproximação de teorias como as que foram apresentadas neste item: uma teoria sobre negociação de faces ou sobre autorrepresentação (Goffman) e uma teoria sobre articulação textual ou sobre relações retóricas (RST). Mas o fato de essas abordagens pertencerem a horizontes disciplinares bem distintos (Sociologia e Linguística) levanta a questão da pertinência dessa aproximação. Neste item, apresento três argumentos em favor dessa aproximação<sup>4</sup>.

Como exposto, Goffman (2011) observa que os mecanismos linguísticos e não linguísticos empregados na negociação de faces compõem um repertório para escolha dos interlocutores ou uma matriz de possibilidades convencionais, por serem práticas habituais e padronizadas. Por ser fortemente vinculada aos procedimentos linguístico-discursivos, essa hipótese de Goffman ganha em ser investigada à luz de abordagens que, numa perspectiva linguística, estudem de forma aprofundada um determinado plano da organização do discurso. Nesse sentido, a RST fornece um suporte bastante confiável para a realização de um estudo que, assim como este, procure analisar de forma mais sistemática e rigorosa o papel das relações retóricas no trabalho de face.

---

4 Considero que a aproximação entre a abordagem de Goffman e a RST é uma proposta tão pertinente quanto complexa. Por isso, a discussão desenvolvida neste item é apenas inicial e merece ser mais desenvolvida em estudos futuros.

Quanto à RST, ela é uma abordagem que estuda a língua em uso, ou seja, procura descrever o modo como os usuários da língua constroem textos naturais, tendo em vista os efeitos de sentido que o produtor do texto (locutor ou autor) deseja provocar no outro (ouvinte ou leitor) (aumentar ou diminuir crenças, levar o outro a executar ações, tornar o outro preparado para aceitar um ponto de vista, etc). Nesse sentido, a RST busca descrever um aspecto do funcionamento do discurso (a emergência das proposições relacionais) de um ponto de vista do uso da língua, da situação de comunicação e não do ponto de vista do sistema da língua. Assim, tanto a RST, ao estudar a linguagem, quanto a abordagem de Goffman, ao estudar a sociedade, compartilham uma perspectiva interacional, não tendo por objetivo chegar a um sistema abstrato de regras que, desvinculado de processos históricos, explique o funcionamento da Língua e da Sociedade.

Além desses dois argumentos para a aproximação das abordagens apresentadas neste item, vale notar que a RST possui uma perspectiva basicamente descritiva. Assim, torna-se pertinente aproximá-la de uma abordagem que explique o papel central que os mecanismos linguístico-discursivos exercem no desenvolvimento da interação. A RST pode, então, se beneficiar de uma aproximação com abordagem de Goffman, com a qual é possível explicar, numa perspectiva interacional, a emergência das proposições relacionais ou por que o usuário da língua, em dada situação de comunicação, opta por fazer emergir determinadas relações retóricas e não outras. Essas rápidas observações mostram que a aproximação entre a abordagem de Goffman e a RST é possível e desejável, na medida em que ambas as propostas podem ser complementares em vários aspectos.

Apresentados os pressupostos teóricos deste trabalho, o item seguinte trata do *corpus* de análise, explicitando os critérios que nortearam a escolhido debate analisado, bem como as etapas seguidas no desenvolvimento do estudo.

## **2 Definição do *corpus* de análise e percurso metodológico**

### **2.1 Definição do *corpus* de análise**

O *corpus* desta pesquisa se constitui do debate realizado pela *TV Globo*, no dia 26 de outubro de 2012, entre os então candidatos à prefeitura de São Paulo, Fernando Haddad (PT) e José Serra (PSDB). O debate foi transcrito

e publicado pelo jornal *Folha de S. Paulo*, no dia 27 de outubro de 2012. A análise recai sobre essa transcrição<sup>5</sup>.

No que se refere à macroestrutura do debate analisado, ele é composto por três blocos e pelas considerações finais de cada candidato. Cada bloco possui a mesma estrutura, porque cada um se subdivide em quatro seções. Em cada seção, um candidato faz uma pergunta ao adversário. Na sequência, este responde à pergunta. A resposta é seguida por uma réplica. A réplica é finalmente seguida de uma tréplica. Assim, cada bloco do debate é formado igualmente por dezesseis turnos. Ao todo, o debate possui cinquenta turnos: os 48 primeiros formam os três blocos, e os dois últimos são as considerações finais de cada candidato. Como o tempo de fala dos candidatos é cronometrado, os turnos não são extensos. O menor é formado por seis unidades, enquanto o maior é formado por 36 unidades<sup>6</sup>.

Dois critérios básicos nortearam a escolha desse debate. O primeiro deles foi a necessidade de o *corpus* da pesquisa ser um debate ocorrido em eleição na qual eu não estivesse pessoalmente implicado enquanto eleitor. O debate ocorreu em uma eleição para o cargo de prefeito da cidade de São Paulo, cidade em que não resido. Embora a total imparcialidade na pesquisa científica seja uma ilusão, considerei essa decisão importante para tentar neutralizar um pouco a influência de minhas convicções político-ideológicas na interpretação das falas de cada candidato. Esse critério explica, assim, por que optei por não estudar debates de candidatos ao governo de Minas Gerais, estado em que resido, ou à presidência da República.

O segundo critério adotado foi a seleção de debate que pudesse ser considerado representativo desse gênero. Por isso, seria necessário selecionar um debate promovido por um veículo de comunicação influente, que alcançasse um número bastante expressivo de eleitores. Com base nesse critério, decidi analisar o debate promovido pelo maior veículo de comunicação do país, a *TV Globo*, entre os candidatos à prefeitura da cidade mais populosa do Brasil, São Paulo. Uma evidência da representatividade do debate escolhido é a própria

---

5 O texto completo do debate pode ser acessado em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/1176189-leia-a-transcricao-do-debate-da-tv-globo-entre-candidatos-a-prefeito-de-sp.shtml>>. Acesso em: 02/03/2014.

6 Vale informar que, no início de cada bloco, há intervenções do jornalista, César Tralli, o qual, no início do primeiro bloco, explica como será a dinâmica do debate (ou as “regras do jogo”) e, no início dos outros blocos, faz a mediação entre os candidatos, dando orientações mais pontuais e indicando o tema de perguntas. Tendo em vista os objetivos deste trabalho, os turnos produzidos pelo jornalista não foram considerados na análise.

transcrição e publicação desse debate pelo jornal *Folha de S. Paulo*, no dia seguinte à sua ocorrência.

## 2.2 Percurso metodológico

A análise do debate se desenvolveu ao longo de duas etapas principais. A primeira etapa foi basicamente descritiva. Nessa etapa, todos os cinquenta turnos produzidos pelos candidatos foram analisados do ponto de vista da Teoria da Estrutura Retórica. Após a segmentação do *corpus* em unidades mínimas<sup>7</sup>, as estruturas retóricas foram elaboradas manualmente e, em seguida, desenhadas no programa RSTtool<sup>8</sup>. Feitas as estruturas retóricas, as relações retóricas foram objeto de quantificação em três momentos distintos. Num primeiro, foram quantificadas as relações que emergem em todo o *corpus*. Em seguida, foram quantificadas as relações que emergem na fala de cada candidato em todo o debate. Por fim, foi realizado o estudo de cada bloco do debate, momento em que foram quantificadas as relações que emergem na fala de cada candidato em cada um dos três blocos e nas considerações finais. Essa etapa de quantificação foi relevante para o estabelecimento de comparações na forma como cada candidato se vale das relações retóricas.

Essa primeira etapa basicamente descritiva constituiu o ponto de partida para a segunda etapa da pesquisa, a qual possui um cunho explicativo. Nessa etapa, a maneira como os candidatos estabelecem as relações retóricas foi interpretada à luz da teoria de faces de Goffman, apresentada no item anterior. A partir dos resultados da primeira etapa, essa segunda etapa também se desenvolveu em três momentos. Num primeiro, verifiquei o papel que as relações retóricas mais frequentes no debate completo exercem para a negociação de imagens, independentemente dos candidatos. Num segundo momento, verifiquei como as relações retóricas mais frequentes na fala de cada candidato o auxiliam, no debate completo, a construir e preservar sua face, bem como a atacar a face do adversário. Por fim, estudei como cada candidato utiliza as relações retóricas na negociação de imagens em cada bloco e nas considerações finais do debate.

---

7 Este trabalho não adotou uma unidade mínima rígida, como a sentença ou o ato de fala. Embora a maior parte das unidades em que o debate foi segmentado corresponda à oração, tal como definida pela gramática tradicional, há unidades que não correspondem a ela. Isso porque, no debate, existem segmentos que não constituem uma oração, mas que exercem papel de primeira importância na gestão das faces envolvidas, como, por exemplo, cumprimentos (*Boa noite telespectador*) e expressões modalizadoras (*com o perdão da palavra*).

8 O RSTtool pode ser acessado em Mann e Taboada (2015).

Neste artigo, por motivo de espaço, foi necessário proceder a um recorte desse percurso de análise, recorte que, no entanto, possibilitasse a compreensão do percurso necessário para o alcance do propósito principal da pesquisa: evidenciar o papel das relações retóricas na negociação de faces. Por isso, o próximo item, que expõe os resultados da análise, apresenta e discute resultados alcançados apenas na segunda etapa da pesquisa, a qual, como dito, possui uma natureza explicativa. Assim, o item trata, primeiro, do comportamento de cada candidato em todo o debate, mostrando, em linhas gerais, como cada um utiliza as relações retóricas para fazer a negociação de faces. Em seguida, propõe uma análise mais detida de apenas dois turnos: um elaborado por Haddad e outro elaborado por Serra, a fim de expor, em detalhes, de que forma os candidatos fazem um uso estratégico das relações retóricas.

### **3 Análise da negociação de faces no debate eleitoral: o papel das relações retóricas**

Como exposto ao final do item anterior, a apresentação e a discussão dos resultados serão feitas em dois momentos. Inicialmente, abordo como os candidatos se valem das relações retóricas para fazer a negociação de faces, explorando as grandes tendências evidenciadas na fala de cada candidato no debate completo. Essa etapa é importante, porque por meio dela é possível verificar as funções das relações mais frequentes no debate, bem como extrair o “perfil retórico” de cada candidato, isto é, a imagem que cada candidato constrói para si, com base no uso das relações retóricas.

Em seguida, procedo a uma análise detalhada de dois turnos, um elaborado por Haddad e o outro elaborado por Serra. Essa análise é fundamental para compreender a dinamicidade inerente ao fenômeno da construção de faces. Ainda que, globalmente, a análise de um debate permita atribuir a um candidato a imagem de gestor público sério e competente, de homem público ignorante das coisas do Estado ou de cidadão sensível aos problemas da população, o estudo pormenorizado de um turno permite verificar as manobras que esse candidato realiza (ou as relações retóricas que faz emergir) para construir ou reforçar predominantemente uma ou outra dessas imagens, defendê-la dos ataques do oponente, deixar de perdê-la em momento mais tenso, associá-la ou contrastá-la a outras imagens, justificá-la ou atribuir determinada imagem ao adversário.

### 3.1 Estudo da negociação de faces no debate completo

Nesta parte do trabalho, o objetivo é ressaltar os aspectos que mais caracterizam cada candidato, no que se refere ao uso das relações retóricas na negociação de faces, extraíndo seu “perfil retórico”. Por ordem alfabética, inicio a análise pelo candidato Haddad. Durante todo o debate, Haddad se apresentou de maneira mais agressiva do que seu adversário, já que a todo momento adotou a estratégia de criticar o passado político de Serra (ex-prefeito de São Paulo), as declarações dadas por ele no debate, bem como seu programa de governo. A postura mais combativa de Haddad é tão evidente que leva Serra, ao final do segundo bloco, a fazer da face do oponente o tópico de sua fala<sup>9</sup>:

(1) Fernando, preliminarmente eu permito dizer que você está muito nervoso, (2) muito agressivo, (3) eu acho que isso não ajuda a qualidade do nosso debate, com toda a franqueza.

Assumindo uma postura mais combativa, Haddad, como candidato da oposição, quer ressaltar os problemas da cidade supostamente criados ou agravados pela gestão do adversário ou de integrantes da coligação a que o adversário pertence, como Kassab, que, em 2012, era o prefeito de São Paulo. Assim procedendo, Haddad procura construir para si a face de candidato indignado, que se incomoda e se irrita com os problemas vivenciados pela população, mas que, claro, sabe como resolver esses problemas. A intenção de Haddad de se apresentar dessa forma ao eleitor fica evidenciada em sua resposta à observação de Serra acima apresentada sobre seu comportamento agressivo:

(1) Serra, na verdade o que você nota de nervosismo é indignação.

A postura mais hostil de Haddad ou sua tentativa de construir para si a imagem de candidato indignado se reflete na emergência das relações retóricas. Na tabela 1, exponho o quantitativo das relações que emergiram em sua fala no debate completo.

---

<sup>9</sup> A numeração presente neste e nos demais trechos analisados corresponde à segmentação do *corpus* em unidades mínimas.



TABELA 1

Total de relações retóricas no debate (Haddad)

Relações	N	%	Relações	N	%
Elaboração	57	17,27	Condição	8	2,42
Justificação	32	9,69	Circunstância	7	2,12
Conjunção	26	7,87	Lista	7	2,12
Evidência	25	7,57	Sequência	6	1,81
Reformulação	25	7,57	Método	5	1,51
Contraste	22	6,66	Avaliação	5	1,51
Antítese	21	6,36	Disjunção	4	1,21
Preparação	19	5,75	Resumo	2	0,60
Propósito	14	4,24	Concessão	2	0,60
Solução	12	3,63	Junção	1	0,30
Causa	12	3,63	Cond. inversa	0	0
Resultado	9	2,72	Motivação	0	0
Fundo	9	2,72	<b>Total</b>	<b>330</b>	<b>100</b>

Em sua fala, as relações de antítese e de contraste são muito mais frequentes do que na fala de Serra. Como exposto na tabela 1, Haddad estabelece 21 relações de antítese (6,36%) e 22 relações de contraste (6,66%), ao passo que Serra estabelece 14 antíteses (4,50%) e 12 contrastes (3,85%) (cf. tabela 2). Na fala de Haddad, o emprego dessas relações tem o claro objetivo de desestabilizar o adversário, desconstruindo sua imagem de gestor eficiente, como mostra este exemplo.

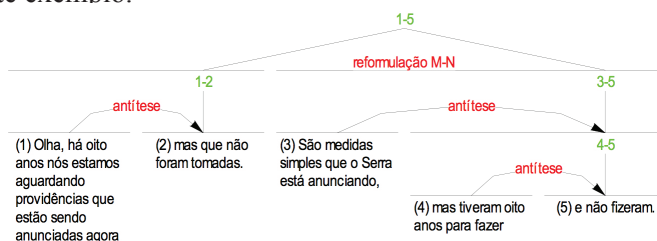


FIGURA 3 – estrutura retórica

A relação de justificação também foi mais explorada por Haddad (32/9,69%) do que por Serra (23/7,39%). Na fala de Haddad, essa relação parece exercer basicamente três funções. O candidato estabelece relações de justificação para rebater críticas do adversário. Neste exemplo, Haddad tenta

reparar sua face de um ataque sofrido, negando a crítica do adversário, em (7-8), e mostrando que essa crítica é falsa, equivocada ou caluniosa, em (9-15).

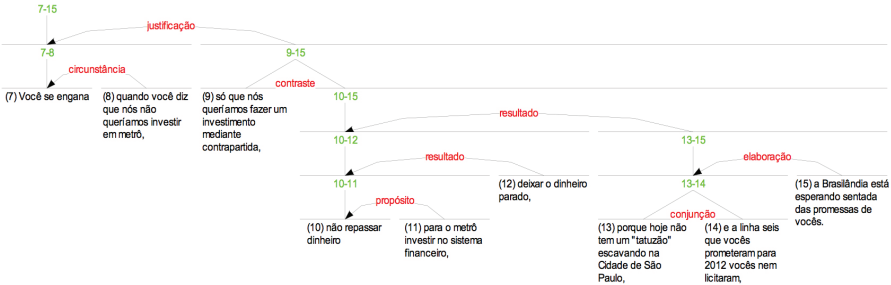


FIGURA 4 – estrutura retórica

O candidato também estabelece relações de justificação para sustentar críticas contrárias ao adversário. Neste exemplo, a finalidade de Haddad é atacar a face do adversário, fragilizando-o aos olhos do espectador.

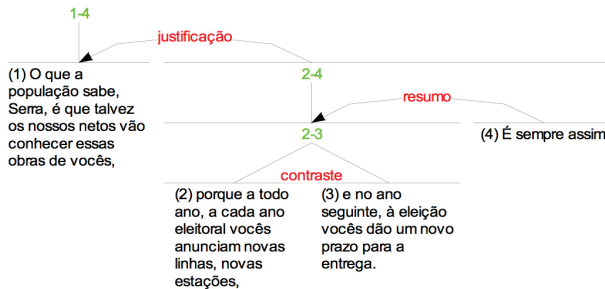


FIGURA 5 – estrutura retórica

Por fim, Haddad estabelece relações de justificação para provar que seu programa de governo é o melhor, justificando as propostas ali contidas. Neste trecho, Haddad procura se apresentar ao eleitor como um candidato sério e responsável, já que se preocupou em elaborar um programa de governo consistente.

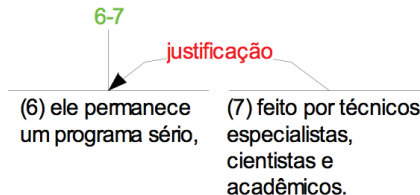


FIGURA 6 – estrutura retórica

Se algumas relações, como as de antítese, contraste e justificação, foram mais empregadas por Haddad do que por Serra, outras foram menos empregadas por Haddad. É o caso da relação de método, que emergiu cinco vezes em sua fala (5/1,51%) e dez vezes na fala de Serra (10/3,21%). Essa diferença, embora não seja numericamente expressiva, pode se dever à busca de Haddad por não se comprometer excessivamente com o modo como pretende realizar ações futuras. Já Serra, por ter sido prefeito de São Paulo, pode se sentir mais à vontade para dizer como realizar determinadas ações.

De qualquer forma, ambos os candidatos são bastante cautelosos no estabelecimento da relação de método. Com efeito, políticos experientes sabem que nem todas as ações pretendidas por eles e desejadas pelos eleitores podem ser concretizadas, tendo em vista as inúmeras restrições a que um gestor público está submetido em seu mandato, ainda que seja um profissional comprometido com seu trabalho e com aqueles que o elegeram. Daí talvez a cautela dos candidatos no debate, a qual, no plano retórico, se traduz na escassez de relações de método. Nesse sentido, essa escassez pode ser entendida como uma estratégia de proteção de face, já que o candidato, ao evitar dizer em excesso como pretende realizar ações, caso seja eleito, evita que, futuramente, seja visto como um político mentiroso, que só promete<sup>10</sup>.

O estabelecimento moderado de relações de método não significa, porém, que promessas não sejam feitas pelos candidatos. Ao contrário, ao longo de todo o debate, os candidatos informam constantemente o que pretendem fazer. O que ocorre é que eles evitam dizer como pretendem realizar as ações ou qual o método vão seguir para realizar as ações que prometem realizar.

Neste momento, inicio a análise global da forma como o candidato Serra se valeu das relações retóricas para fazer a negociação de faces em todo o debate. Ao longo de todo o debate, Serra adotou uma linha de conduta mais defensiva do que seu adversário. Esse comportamento pode ser entendido como uma reação natural à maior agressividade de Haddad, mas pode ser compreendido também como uma estratégia previamente calculada. Afinal, manter-se calmo diante de um oponente que acusa e esbraveja pode ter como efeito a construção, junto ao eleitorado, de uma imagem de candidato mais sereno, racional, senhor de si e, portanto, mais preparado para lidar com as tensões do cargo de prefeito

---

10 Atualmente, a promessa é um ato de fala tão mal visto no discurso político, pelas implicações negativas que pode trazer para a face do locutor, que no debate estudado o verbo *prometer* não é usado nenhuma vez na primeira pessoa no singular (*Eu prometo*) e é usado apenas por Haddad para acusar Serra de não ter feito o que prometeu no passado (*e a linha seis que vocês prometeram para 2012 vocês nem licitaram*).

de uma cidade como São Paulo. Mas, independentemente do motivo que tenha levado Serra a se comportar dessa forma, deve-se considerar que, em 2012, Serra era o candidato da situação à prefeitura de São Paulo, enquanto Haddad era o candidato da oposição. E um comportamento mais ameno, durante os debates, é característico dos candidatos da situação (FIGUEIREDO *et al*, 1997, CHARAUDEAU, 2013).

O comportamento mais defensivo de Serra se reflete na forma como ele estabelece as relações retóricas, ou melhor, as relações retóricas contribuem para a construção de uma imagem de candidato mais defensivo e, por isso, mais ponderado em alguns momentos. Mas as relações contribuem também para a construção de uma imagem de candidato mais inseguro e frágil em outros momentos. Esta tabela apresenta o quantitativo das relações que emergiram em sua fala.

TABELA 2

Total de relações retóricas no debate (Serra)

Relações	N	%	Relações	N	%
Elaboração	57	18,32	Fundo	10	3,21
Preparação	29	9,32	Resumo	10	3,21
Conjunção	23	7,39	Solução	9	2,89
Justificação	23	7,39	Lista	8	2,57
Circunstância	19	6,10	Resultado	6	1,92
Reformulação	16	5,14	Junção	3	0,96
Evidência	16	5,14	Condição	2	0,64
Antítese	14	4,50	Causa	1	0,32
Avaliação	14	4,50	Concessão	1	0,32
Propósito	13	4,18	Cond. inversa	1	0,32
Sequência	13	4,18	Motivação	1	0,32
Contraste	12	3,85	Disjunção	0	0
Método	10	3,21	<b>Total</b>	<b>311</b>	<b>100</b>

De modo geral, Serra parece querer fugir de confrontos diretos com o adversário. Como reflexo desse comportamento, predominam em sua fala as relações de elaboração (57/18,32%), preparação (29/9,32%), justificação (23/7,39%) e conjunção (23/7,39%). Com as relações de elaboração, ele oferece detalhes de seu programa de governo, como neste exemplo.

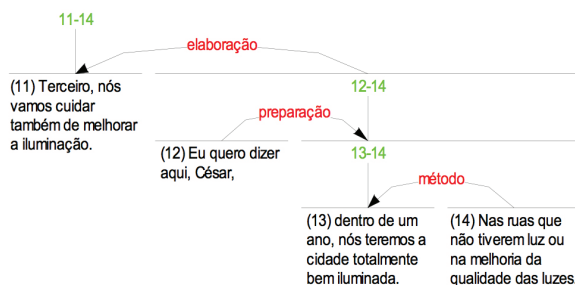


FIGURA 7 – estrutura retórica

Com as relações de preparação, Serra indica no satélite o tópico que será abordado no núcleo, a fim preparar o ouvinte para o que dirá a seguir, na busca por se fazer mais bem compreendido.

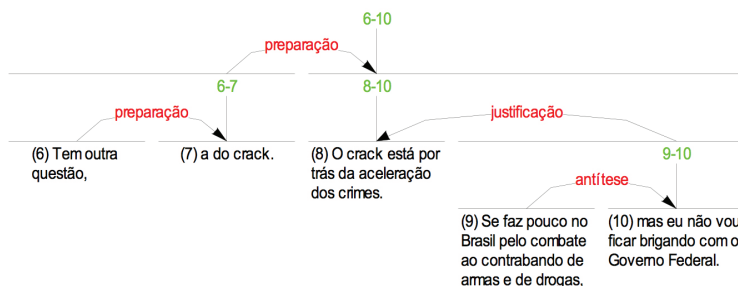


FIGURA 8 – estrutura retórica

As relações de justificação o auxiliam a sustentar afirmações sobre sua gestão passada ou sobre a gestão que pretende realizar.

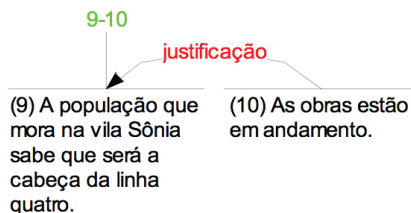


FIGURA 9 – estrutura retórica

Já as relações de conjunção permitem ao candidato criar blocos de informações com as várias ações que pretende realizar, caso seja eleito.

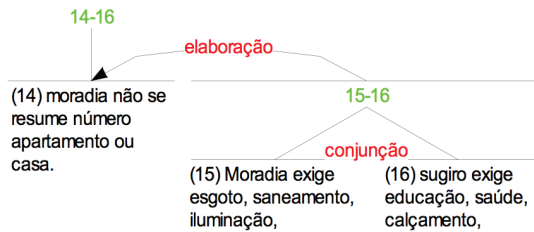


FIGURA 10 – estrutura retórica

Como disse, o emprego sistemático dessas relações pode ter como efeito a construção da imagem de candidato sereno, porque não ataca em demasia, e racional, porque se dedica à apresentação de propostas. Mas o estabelecimento constante dessas mesmas relações pode ter também como efeito (indesejado) a construção da imagem de candidato inseguro, que, nos termos de Goffman (2011), cuida mal de si, por não saber se defender ou por se defender mal dos ataques do oponente. O comentário metadiscursivo que Serra dedica à face e ao comportamento de seu adversário, comentário mencionado anteriormente e reproduzido a seguir, ilustra bem como a linha de conduta assumida por Serra, no debate, pode suscitar esses dois efeitos.

(1) Fernando, preliminarmente eu permito dizer que você está muito nervoso, (2) muito agressivo, (3) eu acho que isso não ajuda a qualidade do nosso debate, com toda a franqueza.

Por um lado, esse comentário pode ser entendido como um pedido para que o adversário mantenha o nível do debate, o qual estaria perdendo a “qualidade” por estar fortemente centrado não na exposição de ideias, mas no ataque recíproco dos adversários. Se assim entendido, a imagem que se constrói é a do candidato sensato e racional. Por outro lado, esse mesmo comentário pode ser entendido como um pedido para que o adversário “bata menos”. Nessa interpretação, a imagem que se constrói perante o espectador é a de candidato inseguro, que não sabe se defender e que, não sendo capaz de golpear o adversário à altura, pede a este que “pegue mais leve”. Ambas as interpretações são plausíveis, e a escolha de uma ou de outra vai depender, em grande medida, do posicionamento político do ouvinte.

A linha de conduta globalmente seguida por Serra explica também o fato de as relações de sequência e avaliação serem mais exploradas por ele (sequência = 13/4, 18%; avaliação = 14/4, 50%) do que por Haddad (sequência = 6/1, 81%;

avaliação = 5/1,51%). Na fala de Serra, a relação de sequência o ajuda a narrar ações realizadas no passado, e a de avaliação o auxilia a julgar positivamente essas ações. O uso que Serra faz dessas duas relações está representado neste trecho.

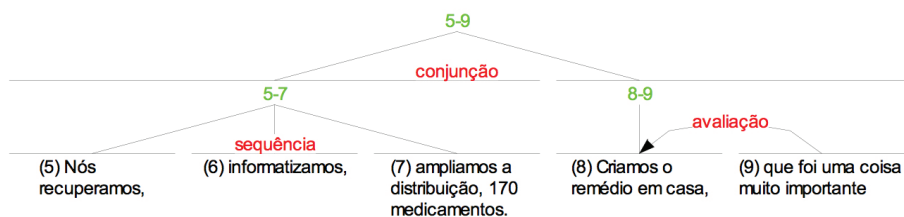


FIGURA 11 – estrutura retórica

Com essas relações, Serra procura construir, assim, a imagem de candidato competente, que está mais preocupado em mostrar o que fez do que em confrontar-se diretamente com o adversário.

Após abordar de forma global o modo como cada candidato explora as relações retóricas para se apresentar diante do eleitor, identificando o “perfil retórico” de ambos, passo a tratar desse uso estratégico das relações retóricas em dois turnos: um produzido por Haddad e outro produzido por Serra. Essa análise detalhada de dois turnos é importante, porque permite mostrar, em detalhes, as manobras que cada candidato realizou em determinado ponto da interação para fazer a negociação de faces. Desse modo, a análise desses turnos permitirá evidenciar que a negociação de faces, no debate eleitoral, é um fenômeno bastante dinâmico.

### 3.2 Estudo da negociação de faces em turnos específicos do debate

Os dois turnos que serão analisados neste momento são bastante representativos da forma como os candidatos estabelecem as relações retóricas para fazer a negociação de faces. O turno de Haddad que será analisado foi extraído do terceiro bloco do debate. Nos dois primeiros blocos, o candidato adotou um comportamento mais agressivo. A análise da organização retórica de um turno de Haddad mostrará que ele, no terceiro bloco, embora passe a atacar menos o adversário, continua se valendo de uma linha de conduta mais agressiva. Já o turno de Serra que será estudado foi extraído do segundo bloco do debate. No primeiro bloco, o candidato se comportou de modo mais defensivo. A análise de um turno de Serra mostrará que ele, no segundo bloco, modifica sua linha

de conduta, passando a atacar mais o adversário. O interesse das análises deste item está, assim, em revelar a dinamicidade da negociação de imagens, a qual está profundamente ligada às linhas de conduta que os candidatos seguem ou deixam de seguir e, conseqüentemente, às relações retóricas que eles estabelecem ou deixam de estabelecer ao longo de interação. A apresentação das análises começará pelo candidato Haddad, seguindo a ordem alfabética.

### 3.2.1 Análise de turno elaborado por Fernando Haddad

No terceiro bloco do debate, Haddad toma menos a iniciativa do ataque, mas não deixa de atacar o adversário, quando a oportunidade surge, e utiliza com habilidade informações da fala de Serra para fragilizá-lo e enaltecer-se. Exemplificando a linha de conduta assumida por Haddad no terceiro bloco, proponho a análise deste turno.

(1) Olha, há oito anos nós estamos aguardando providências que estão sendo anunciadas agora (2) mas que não foram tomadas. (3) São medidas simples que o Serra está anunciando, (4) mas tiveram oito anos para fazer (5) e não fizeram. (6) Na área da saúde. Os três hospitais, a população está aguardando. (7) Há inclusive uma ameaça do Governo do Estado privatizar 25% dos leitos públicos dos hospitais estaduais na cidade de São Paulo. (8) O que geraria o caos. (9) Nós vamos construir os três hospitais, (10) impedir a privatização dos leitos estaduais, (11) e trazer a rede hora certa para a Cidade de São Paulo. (12) Exame, consulta e cirurgia no mesmo lugar, (13) para acabar com as filas da saúde.

No nível macrotextual, Haddad apresenta, na porção formada pelas unidades (1-8), problemas que a cidade de São Paulo enfrenta na área da saúde e que, segundo o candidato, se devem à incompetência do adversário e de colegas de coligação. A solução para esses problemas é dada por Haddad na porção formada pelas unidades (9-13). Na relação de solução que estrutura as informações do turno em nível macrotextual, Haddad apresenta, no núcleo, sua gestão futura, se eleito, como a solução para os problemas deixados pelo oponente. No debate, a relação de solução constitui um recurso bastante eficaz e útil para realizar a negociação das faces envolvidas, porque possibilita que o candidato, ao mesmo tempo, ataque a face do adversário, com os problemas expressos no satélite, e valorize sua face, com a solução expressa no núcleo.

No nível microtextual, Haddad inicia a porção formada por (1-8) criticando as promessas que Serra havia acabado de fazer no turno anterior. Serra havia



dito: (2) *Nós vamos ampliar o programa [Mãe Paulistana], (...) (5) vamos ampliar no atendimento a criança que nasce. (...) (10) nós vamos dar uma bolsa, uma bolsa creche de 200 reais (11) até que abra uma vaga para o bebê, (12) isso é fundamental, (13) fortalecer também as creches.* No turno seguinte, Haddad busca desacreditar o adversário, informando que ele já teve oito anos para realizar essas ações, mas não as realizou.

Na porção formada pelas unidades (1-5), Haddad utiliza três relações de antítese e uma de reformulação para enfraquecer as promessas de Serra. Em (1-2), é dito que a população aguarda há oito anos as providências anunciadas por Serra, as quais, porém, nunca foram tomadas. Para reforçar a ideia de que Serra não é um gestor eficiente, que não toma as providências necessárias para o bem da população, Haddad reformula as informações expressas em (1-2) na porção formada por (3-5), dizendo: (3) *São medidas simples que o Serra está anunciando, (4) mas tiveram oito anos para fazer (5) e não fizeram.* Com as relações de antítese e de reformulação, Haddad procura, ao mesmo tempo, desacreditar o adversário e fazer o eleitor suspeitar de que, se Serra for eleitonovamente, não cumprirá as promessas feitas. Na unidade (6), o candidato traz uma evidência para o que disse até o momento: *Na área da saúde. Os três hospitais, a população está aguardando.* Pelo modo como as relações retóricas emergem em sua fala, Haddad tenta fazer o eleitor crer que haveria um descompasso entre o Serra enquanto gestor público e o Serra que se apresenta ali no debate.

Elaborando a porção formada por (1-6), Haddad procura, nas unidades (7-8), atemorizar o eleitor com a ideia de que Serra, além de não cumprir as promessas feitas, pode privatizar 25% dos leitos de hospitais públicos: (7) *Há inclusive uma ameaça do Governo do Estado privatizar 25% dos leitos públicos dos hospitais estaduais na cidade de São Paulo. (8) O que geraria o caos.* Com essas duas unidades, Haddad lembra que a gestão de Serra se pauta por uma política de privatizações e defende que o resultado dessa política é o caos. Em apenas duas unidades, Haddad faz alusão a conhecimentos que o eleitor possa ter sobre o modo de Serra e de seu partido fazerem política, procura construir para o adversário uma imagem bastante negativa, associando-o à ideia de caos, e coloca nas mãos dos eleitores a responsabilidade pelo futuro caos na saúde. Afinal, o caos apenas ocorrerá, se os eleitores votarem em Serra.

Nesse ponto de sua fala, Haddad precisa mostrar que há uma solução (ou salvação) para o problema que Serra representa<sup>11</sup>. Como mencionado, a solução,

---

11 Observa Charaudeau (2013) que o político não pode ser fatalista em seu discurso, já que ele precisa se apresentar como a própria salvação para os problemas que menciona e superdi-

expressa nas unidades (9-13), é a própria eleição de Haddad. Para mostrar que constitui uma solução, o candidato traz nessas unidades uma lista com três medidas que precisa tomar, caso seja eleito: (9) *Nós vamos construir os três hospitais*, (10) *impedir a privatização dos leitos estaduais*, (11) *e trazer a rede hora certa para a Cidade de São Paulo*. (12) *Exame, consulta e cirurgia no mesmo lugar*, (13) *para acabar com as filas da saúde*.

Nesse turno, verifica-se que Haddad utilizou uma estratégia bastante engenhosa, embora não seja nova no discurso político, que é a de apresentar o adversário como o representante de um mal a ser combatido e se colocar como uma espécie de salvador capaz de impedir que o caos se instale na sociedade. E vale notar que a efetivação dessa estratégia de construção de imagens se baseou principalmente na forma como Haddad articulou as informações por meio das relações retóricas. Represento essa interpretação por meio desta estrutura.

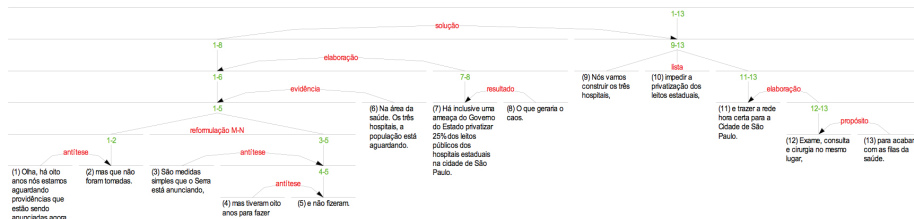


FIGURA 12 – estrutura retórica

### 3.2.2 Análise de turno elaborado por José Serra

No segundo bloco do debate, Serra, muito provavelmente em função do comportamento agressivo do adversário no primeiro bloco, assume uma postura um pouco mais combativa. Isso se reflete na escolha dos temas de suas perguntas ao oponente, como corrupção, na menção à suposta incompetência de ex-prefeitos de São Paulo pertencentes ao partido de Haddad, PT, bem como no estabelecimento das relações retóricas. Para ilustrar o comportamento mais agressivo de Serra nesse segundo bloco, analiso este turno.

(1) Olha, a questão de São Paulo precisa ser posta nos devidos termos. (2) É uma cidade rica, uma cidade vibrante que está cheia de problemas, (3) e a minha qualificação é precisamente a de resolver problemas. (4) Resolver os problemas. (5) Enfrentá-los. (6) E nós fizemos isso. (7) Não foi feito nada no

mensiona.

passado em matéria de urbanização de favelas. (8) Nós avançamos consideravelmente. (9) Não foi feito praticamente nada em matéria de creches, (10) nós avançamos significativamente. (11) A gestão do PT fez quinze mil vagas, (12) nós fizemos 150.

A primeira unidade constitui uma preparação para todo o restante do turno. Com essa unidade, Serra não só informa que a cidade de São Paulo precisa de intervenções, antecipando o tópico do turno, como também cria a expectativa de que ele sabe que intervenções devem ser tomadas. Desse ponto de vista, essa relação de preparação já o auxilia, logo no começo da fala, a construir para si uma imagem favorável, qual seja, a de candidato preocupado em apontar e solucionar os problemas de São Paulo, pondo a questão *nos devidos termos*.

Feito esse anúncio, o candidato procura confirmar a expectativa criada de que ele sabe intervir para solucionar os problemas da cidade. Para isso, ele informa, em (2), que a cidade *está cheia de problemas*. Mas, talvez em função do tempo curto de que dispõe, não menciona quais problemas seriam esses. Em relação à unidade (2), a porção formada pelas unidades (3-5) traz a solução para os problemas aludidos anteriormente. Tanto na fala de Serra quanto na de Haddad, as relações de solução costumam trazer, no núcleo, o próprio candidato como a solução para os problemas mencionados no satélite. É o que ocorre nesse turno de Serra. Com a relação de solução ligando a unidade (2) e a porção (3-5), Serra se apresenta ao eleitor como o candidato que pode resolver e enfrentar os problemas. É evidente aqui a busca de Serra por construir para si a imagem de candidato preparado, já que sabe resolver os problemas ((3) e a minha qualificação é precisamente a de resolver problemas), e destemido, já que não tem medo de enfrentá-los ((4) Resolver os problemas. (5) Enfrentá-los).

Se nesse turno Serra apenas informasse que é capaz de resolver e enfrentar problemas, o eleitor poderia duvidar da fala do candidato ou se perguntar em que fatos ele se baseia para fazer essa afirmação sobre si mesmo. Questionamentos desse tipo são perigosos para o participante de um debate eleitoral, uma vez que nesse gênero espera-se que os adversários tragam provas de suas supostas qualidades. Consciente do “jogo” de que participa, Serra precisa trazer evidências para a afirmação, feita em (2-5), de que sabe solucionar os problemas de São Paulo. Essas evidências são fornecidas no restante da fala, formado pelas unidades (6-12).

Nessa porção textual, Serra, além de apresentar ações realizadas por ele em gestão anterior para resolver problemas da cidade, ataca a gestão de colegas de partido de Haddad, informando que estes não tiveram a mesma capacidade

para solucionar problemas. Na unidade (6), Serra afirma que já vem realizando medidas para solucionar os problemas da cidade: *E nós fizemos isso*. Em relação à (6), a porção (7-12) vai justificar essa afirmação. Em (7-8), ele informa que em sua gestão foram tomadas medidas para urbanizar favelas, o que não foi feito no passado: (7) *Não foi feito nada no passado em matéria de urbanização de favelas*. (8) *Nós avançamos consideravelmente*. Em (9-12), ele informa que em sua gestão foram feitas muito mais creches do que na gestão do PT: (9) *Não foi feito praticamente nada em matéria de creches*, (10) *nós avançamos significativamente*. (11) *A gestão do PT fez quinze mil vagas*, (12) *nós fizemos 150*.

Portanto, com essa porção (6-12), Serra evidencia um duplo propósito. Apresentando ações realizadas em sua gestão, o candidato procura construir para si a imagem de gestor eficiente. Contrastando suas ações e as ações de políticos do PT, ele busca atacar a face do adversário, insinuando que, se os colegas de partido de Haddad se mostraram incapacitados, este também assim se mostrará, se for eleito. Com esta estrutura, represento a análise do turno produzido por Serra.

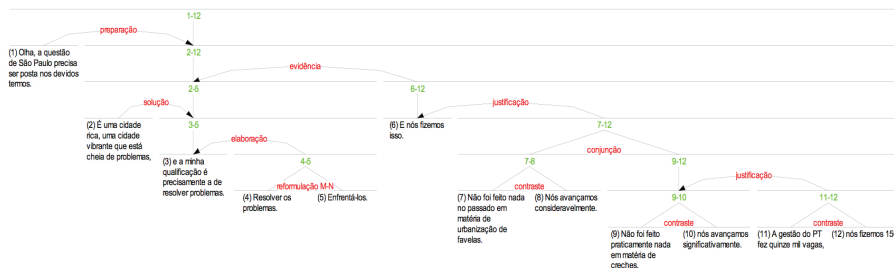


FIGURA 13 – estrutura retórica

Nesse segundo bloco do debate, embora Serra, como exposto, tenha passado a assumir uma postura mais combativa, ele ainda abre espaços para que Haddad o ataque seriamente e parece não se recuperar tão bem dos golpes sofridos quanto o adversário. Um exemplo bastante representativo ajuda a sustentar essa interpretação. Ao tratar do tema educação, Serra informa: *nós vamos criar um centro de treinamento e reciclagem permanente dos professores do município*. A menção à reciclagem de professores é a “deixa” de que Haddad necessita para atacar a imagem de Serra, no turno seguinte. Na maior parte desse turno, Haddad corrige Serra:

(1) Serra, com o perdão da palavra, (2) a educação não é propriamente a tua área. (3) Professor não é reciclado nem treinado. (4) Essas palavras não se adequam

ao educador. (5) O educador é formado, (6) tem sua formação inicial, continuada. (7) Reciclagem e treinamento você usa para outras coisas, (8) você não pode usar para professor. (9) Estou te orientando (10) para você não cometer esse deslize novamente. (...)

Com as unidades (1-2), Haddad prepara a correção que fará, informando que Serra não é um profundo conhecedor da área de educação. Com a unidade (2) (*a educação não é propriamente a tua área*), Haddad afirma que seu adversário desconhece um tema relevante, o que tem como efeito fragilizar a imagem que o outro reivindica de gestor público conhecedor de todas as áreas ligadas à administração de uma cidade como São Paulo. Por isso, essa unidade é bastante agressiva para a face de Serra. Haddad reconhece o grau de agressividade dessa unidade para a face de seu interlocutor. Então, para atenuar o ataque, ele antecede a unidade (2) pela expressão modalizadora *com o perdão da palavra*, que funciona como uma espécie de pedido de desculpas adiantado. Com o emprego dessa unidade (1), Haddad consegue, ao mesmo tempo, preparar Serra para o ataque que sofrerá em seguida e se apresentar ao eleitor como um homem educado, que sabe preservar a face do outro, ainda que esse outro seja seu adversário político.

A preparação formada por (1-2), que atribui ignorância ao adversário, já é suficiente para colocar sob suspeita as propostas de Serra para a área educacional. Mas, nas unidades (3-6), Haddad critica o modo como Serra vê os professores, como profissionais que precisam ser reciclados, estabelecendo um contraste entre a visão do adversário ((3) *Professor não é reciclado nem treinado*. (4) *Essas palavras não se adequam ao educador*) e sua visão ((5) *O educador é formado*, (6) *tem sua formação inicial, continuada*). Como resultado dessa crítica, Haddad informa: (7) *Reciclagem e treinamento você usa para outras coisas*, (8) *você não pode usar para professor*. O candidato não menciona que “outras coisas” são recicladas, mas conta com o conhecimento de mundo do espectador. O que se recicla é lixo e não professores. De forma bastante hábil, Haddad, por meio da forma como estabelece as relações retóricas, sugere que, para Serra, lixo e professores são “coisas” de mesmo estatuto, que precisam ser recicladas. Para completar o ataque, Haddad justifica a crítica feita na porção (3-8), simulando preocupação com o adversário, mas, na verdade, o colocando na posição inferior de alguém que comete deslizes e, por isso, precisa de orientações para governar: (9) *Estou te orientando* (10) *para você não cometer esse deslize novamente*. Represento essa análise por meio desta estrutura.

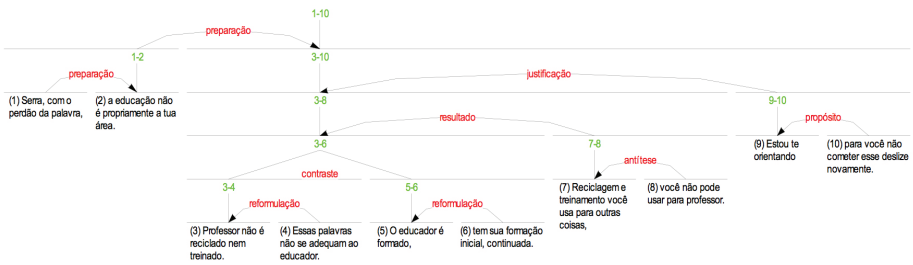


FIGURA 14 – estrutura retórica

As implicações desse trecho para as faces dos interlocutores são evidentes. Haddad busca construir para si a imagem de especialista em educação, reforçando as informações dadas por ele em outra parte do debate de que ele é professor da USP e foi ministro da Educação. Portanto, ele quer se mostrar como alguém que tem o saber necessário para orientar o adversário ((9) *Estou te orientando*). Assim, Haddad se apresenta ao espectador como mais preparado do que o oponente. Ao mesmo tempo, coloca Serra numa posição inferior de homem público que não só tem uma visão bastante pejorativa do professor (é algo que se recicla, feito o lixo), mas também é ignorante no tema educação, a ponto de precisar ser corrigido pelo adversário em pleno debate eleitoral.

Goffman (2011) nota que, de modo geral, o agressor da face alheia sofre represálias por parte daquele que sofreu a agressão. Por isso, no debate em análise, a expectativa é a de que Serra, ao tomar a palavra novamente, rebata as críticas do adversário, justificando, por exemplo, por que usou o termo *reciclagem* ou trazendo evidências de que não precisa ser orientado. Mas Serra prefere ignorar as agressões sofridas e não faz nenhuma menção às críticas de Haddad. No mundo político, há ocasiões em que é interessante o político evitar rebater críticas, mostrando-se altivo e superior a querelas supostamente menores do que ele. Mas o debate eleitoral não é uma dessas ocasiões. No debate, a aceitação de uma crítica pode criar para o candidato agredido uma imagem de político fraco e submisso (CHARAUDEAU, 2013). Por isso, a imagem de Serra sai bastante enfraquecida dessa troca, já que ele não toma nenhuma atitude para repará-la e defender-se.

## **Considerações finais**

A pesquisa apresentada neste trabalho partiu da hipótese de que as relações que se estabelecem entre as informações do texto exercem papel importante na negociação de imagens recíprocas. Para verificar essa hipótese, aproximei uma teoria sobre articulação textual, a Teoria da Estrutura Retórica (RST), e uma teoria sobre autorrepresentação, a teoria de faces de Goffman. Essa aproximação forneceu as bases conceituais e metodológicas necessárias para o estudo de um exemplar do gênero debate eleitoral, gênero escolhido exatamente pela importância que nele ganha o processo de negociação de imagens (faces).

Confirmando a hipótese inicialmente levantada, a análise do debate entre os então candidatos à prefeitura de São Paulo, Fernando Haddad e José Serra, revelou que as relações retóricas constituem recursos fundamentais com que os adversários políticos fazem a negociação de faces. Ao longo do debate, diversas faces são reivindicadas e rejeitadas pelos candidatos. Cada candidato quer fazer o eleitor acreditar que, diferentemente do adversário, ele é um homem público sério, inteligente e honesto, um político piedoso e sensível aos sofrimentos da parte mais carente da população e, principalmente, um gestor capacitado, eficiente e competente. Ao mesmo tempo, cada candidato busca afastar de si e atribuir ao oponente as imagens de candidato desonesto e ignorante, de político insensível às questões sociais e de gestor público incapaz e incompetente. A análise do debate mostrou que a escolha das relações retóricas (evidência, antítese, solução, sequência, justificação, elaboração, etc) decorre, em grande medida, desse processo dinâmico de negociação de faces.

Como vimos, estabelecer, por exemplo, uma relação de contraste permite a um candidato opor sua trajetória política e a do adversário, a fim de construir para si a imagem de gestor capaz e eficiente e de agredir o outro, atribuindo a ele a imagem de gestor incapaz. Na tentativa de reparar sua face, o adversário, em reação à agressão sofrida, pode trazer evidências de que o outro não possui as capacidades que afirma possuir ou pode justificar a incompetência que o outro lhe atribuiu.

A demonstração de que as relações retóricas exercem papel fundamental na negociação de faces é relevante por algumas razões. Em primeiro lugar, este estudo revela que a negociação de faces é um fenômeno interacional que, no campo da linguagem, não repercute apenas sobre os atos de fala, tal como evidenciado primeiramente pela Teoria da Polidez (BROWN; LEVINSON, 1987). Também o plano da articulação textual atua de modo expressivo na construção de imagens recíprocas. Nessa perspectiva, a pesquisa fornece

uma contribuição significativa para os estudos da Pragmática e da Análise do Discurso que, numa perspectiva interacionista, se interessam pelo papel que a linguagem desempenha na negociação de faces.

Em segundo lugar, este estudo, ao fornecer uma explicação para a emergência das relações retóricas à luz da microsociologia de Goffman, evidencia que a RST constitui uma teoria cujas ferramentas de análise podem ser de grande valia nos estudos do discurso. Originalmente concebida como uma teoria para a criação automática de textos, a RST não tem como um de seus objetivos primeiros compreender o modo como os interlocutores se valem da linguagem para negociar imagens de si. Porém, a estrutura retórica, por ser um instrumento de análise que revela como o locutor escolheu organizar seu texto, revela, ao mesmo tempo, a linha de conduta que o locutor escolheu seguir (conscientemente ou não) numa interação. E, como ensina Goffman (2011), quando seguimos uma linha de conduta, projetamos inevitavelmente uma imagem (face), por meio da qual dizemos de maneira implícita somos isto e não aquilo ou queremos que nosso interlocutor pense que somos isto e não aquilo.

Por último, no que se refere ao estudo do gênero debate eleitoral, esta pesquisa evidencia que a agressividade característica desse gênero tem impacto não apenas sobre a seleção lexical, o sistema de distribuição de turnos, a escolha dos argumentos, o tipo de sequências discursivas ou o emprego dos atos de fala, como já revelado por outros pesquisadores (BURGER, 2002, 2013, SOARES; GOMES, 2007, MARTEL, 2008, SANDRÉ, 2009). Por meio das análises, esta pesquisa mostrou, de forma sistemática, que também o plano da organização retórica evidencia o fato de que o debate é uma luta verbal, em que a emergência das relações retóricas auxilia os adversários a se golpearem e a se defenderem.

## Referências

- ANTONIO, J. D. Estrutura retórica e articulação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do português. 2004. 245f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- BROWN, P; LEVINSON, S. Politeness: some universals in language use. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BURGER, M. Encenações discursivas na mídia: o caso do debate-espetáculo. In: MACHADO, I. L.; MARI, H.; MELLO, R (Org.). Ensaios em análise do discurso. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso/Faculdade de Letras/UFMG, 2002, p. 201-222.



- BURGER, Marcel. “Je suis cardiologue, moi!”: Une théorie et une méthode pour l’analyse de la construction des identités dans le discours des médias. *ContraPonto*, v. 3, n. 3, 2013, p. 93-113.
- CARLSON, L.; MARCU, D. *Discourse Tagging Manual* (2001). Disponível em : <http://www.isi.edu/~marcu/discourse/tagging-ref-manual.pdf>. Acesso em 10 de mar. 2014.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2013.
- CUNHA, Gustavo Ximenes. A atuação de sequências do tipo narrativo em um texto jornalístico impresso. *Revista do GEL*, v. 7, n. 1, 2010, p. 202-219.
- CUNHA, Gustavo Ximenes. *A construção da narrativa em reportagens*. 2013. 601f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- CUNHA, Gustavo Ximenes. Para entender o funcionamento do discurso: uma abordagem modular da complexidade discursiva. Curitiba: Appris, 2014.
- CUNHA, Gustavo Ximenes. As condições de emergência da função reformulativa do conector quando em reportagens. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 22, 2014a, p. 143-170.
- CUNHA, G. X.; RUFINO, J. A. O papel das sequências narrativas na estrutura global de reportagens. *Acta Scientiarum. LanguageandCulture*, v. 35, 2013, p. 161-170.
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Estrutura retórica e articulação de orações em gêneros textuais diversos: uma abordagem funcionalista. In: MARINHO, J. H. C.; SARAIVA, M. E. F. (Org.) *Estudos da língua em uso: da gramática ao texto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 231-262.
- DUCROT, Oswald. et al. *Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980.
- FIGUEIREDO, M.; ALDÉ, A.; DIAS, H.; JORGE, V. L. Estratégias de persuasão eleitoral: uma proposta metodológica para o estudo da propaganda eleitoral. *Opinião Pública*. V. 4, n. 3, 1997, p. 182-203.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*. São Paulo: Pontes, 2007.
- HALLIDAY, Michael. *Introduction to Functional Grammar*. New York: Routledge, 2014.
- HALLIDAY, M.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Les actes de langage dans le discours*:

- théorie et fonctionnement. Paris: Armand Colin, 2008.
- KOCH, Ingedore. Introdução à Linguística Textual. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KOCH, Ingedore. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2006.
- MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. Relational propositions in discourse. *Discourse Processes*, v. 9, n. 1, 1986, p. 57-90.
- MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization. *Text*, v. 8, n. 3, 1988, p. 243-281.
- MANN, W. C.; TABOADA, M. RST Web Site: <<http://www.sfu.ca/rst/index.html>>. 2015.
- MARTEL, Guilayne. Performance... et contre-performance communicationnelles: des stratégies argumentatives pour le débat politique télévisé. *Argumentation et Analyse du Discours*. V. 1, 2008, p. 02-12.
- MATTHIESSEN, C. M. I. M.; THOMPSON, S. A. The structure of discourse and “subordination”. In HAIMAN, J; THOMPSON, S. A. (eds.), *Clause Combining in Discourse and Grammar*. Philadelphia: John Benjamins, 1988, p. 275-329.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Gramática e texto. São Paulo: Contexto, 2006.
- ROULET, Eddy. et al. L’articulation du discours en français contemporain. Berne: Lang, 1985.
- ROULET, E.; FILLIETTAZ, L.; GROBET, A. Un modèle et un instrument d’analyse de l’organisation du discours. Berne: Lang, 2001.
- SANDRÉ, M. Débat politique télévisé et stratégies discursives : la visée polémique des ratés du système des tours. In : BURGER, M.; JACQUIN, J.; MICHELI, R. (orgs.) *Actes du colloque “Le français palé dans les médias: les médias et le politique”*. 2009, p. 01-13.
- SOARES, I. B.; GOMES, M. C. A. Efeito persuasivo da estrutura composicional no gênero debate eleitoral televisivo. *Revista de Ciências Humanas*. v. 7, n. 1, 2007, p. 69-83.
- SULLET-NYLANDER, F. ; ROITMAN, M. De la confrontation politico-journalistique dans les grands duels politiques télévisés: questions et préconstruits. In: BURGER, M.; JACQUIN, J.; MICHELI, R. (orgs.) *Actes du colloque “Le français palé dans les médias: les médias et le politique”*, 2009, p. 01-19.
- TABOADA, M.; MANN, W. C. Applications of Rhetorical Structure Theory. *Discourse studies*. v. 8, 2006, p. 567-588.

Recebido em 18 de fevereiro de 2015.

Aceito em 6 de maio de 2015.